

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais (FCHS) - Campus de Franca

NATHÁLIA OLIVEIRA RICCI

Filantropia como Soft Power

O Impacto da Reconfiguração Política dos EUA nos Investimentos Filantrópicos em
Educação na América Latina

Franca
2025



NATHÁLIA OLIVEIRA RICCI

Filantropia como Soft Power

O Impacto da Reconfiguração Política dos EUA nos Investimentos Filantrópicos em Educação na América Latina

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Julio Mesquita Filho, Franca, para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientadora: Prof. Dr. Marta Cerqueira Melo

Franca
2025

R491f Ricci, Nathália Oliveira
Filantropia como Soft Power : O Impacto da Reconfiguração Política dos
EUA nos Investimentos Filantrópicos em Educação na América Latina /
Nathália Oliveira Ricci. -- Franca, 2025
48 p.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Relações Internacionais) -
Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências Humanas e
Sociais, Franca
Orientadora: Marta Cerqueira Melo

1. Liderança política Estados Unidos. 2. Dotações. 3. Fundações e
instituições beneficentes. 4. Poder (Ciências sociais). 5. Integração
latino-americana. I. Título.

NATHÁLIA OLIVEIRA RICCI

Filantropia como Soft Power

O Impacto da Reconfiguração Política dos EUA nos Investimentos Filantrópicos em
Educação na América Latina

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Julio Mesquita Filho, Franca, para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Banca Examinadora:

Prof. Dra. Marta Cerqueira Melo
Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas
(UNESP - UNICAMP - PUC/SP)

Prof. Dr. Gabriel Garcia
Programa de Pós-Graduação em Ciência Política (UNICAMP)

Prof. Dra. Tatiana Teixeira da Silva
University of Massachusetts Amherst

AGRADECIMENTOS

Posso dizer que evitei ao máximo escrever estes agradecimentos e enfrentar as milhares de sensações que este marco — que, pode-se dizer, representa um fim — traria à tona. Um dia, cheguei completamente sozinha a esta cidade, que por quatro anos considere minha casa, e hoje parto levando comigo diversas partes completas do meu todo.

Gostaria de agradecer à minha mãe, Andreia, que tanto me ensinou sobre batalhar e nunca desistir, que me deu a oportunidade de agir com autonomia e de aprender a me reerguer a cada desafio. Agradeço também à minha avó, dona Rai, que por tanto tempo me ensinou a aceitar ajuda e a contar com o apoio e o amor incondicional nos momentos que mais precisei. Agradeço à minha irmã, Melissa, por sempre reafirmar o meu valor e me fazer sentir parte de uma amizade sincera, feita de acertos e aprendizados. Agradeço também ao meu pai, Maurício, que me criou com a consciência de que sempre é possível recomeçar e traçar novos caminhos.

Agradeço às minhas companheiras de classe e de vida nesses anos de graduação: à Manoela, que me ensinou muito mais sobre a vida do que qualquer livro e me ajudou a acreditar em mim mesma — levo da nossa convivência um amor e carinho incondicional; à Nathália, com quem divido o nome e muitas das minhas experiências mais felizes e inspiradoras, além das conversas sobre o futuro; e à Rafaela, que me mostrou o que realmente significam cuidado e amizade sinceros.

Aos professores do curso, levo comigo os conselhos e as dicas de economia internacional do professor Albério, que inclusive me ajudaram muito a escrever este trabalho e a atuar com investimento na filantropia, área na qual me encontrei de verdade.

Por fim, agradeço a todos os que fizeram parte dessa trajetória — minha família, meus amigos e cada pessoa mencionada ao longo destas linhas — por terem sido pacientes, compreensivos e presentes durante essa jornada de aprendizado e transformação. Este percurso me ensinou que o conhecimento nunca é demais e que o recomeço é, muitas vezes, a forma mais bonita de seguir em frente. Hoje, carrego comigo a certeza de que posso aprender um pouco mais a cada dia.

“Vocês, pessoas ricas da Inglaterra, não sabem como estão vivendo. Como poderiam saber? Excluíram da sua sociedade o bom e o gentil. Vivem, como todos vocês vivem, à custa dos outros e graças a eles, zombando do sacrifício e da abnegação. E se atiram aos pobres é apenas para calar-lhes a boca por algum tempo. Com toda a sua pompa, riqueza e arte, vocês não sabem viver — nem isso sabem. Amam a beleza que podem ver, tocar e manusear, a beleza que podem destruir e que destroem, mas da beleza invisível de uma vida mais elevada, não sabem nada.”

(Oscar Wilde, Uma mulher sem importância, 1893).

RESUMO

O presente estudo analisa a filantropia privada como um recurso de *soft power*, entendido como a capacidade de um ator alcançar resultados desejados por meio da atração e da persuasão, em vez da coerção. Os investimentos filantrópicos em um país moldam temas e modelos de intervenção, direcionam fluxos de recursos e estabelecem padrões de avaliação que passam a orientar decisões governamentais e estratégias universitárias. O trabalho examina a reconfiguração da política externa dos Estados Unidos, marcada pela ordem de reavaliação e pela suspensão temporária das atividades da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID). A educação superior é considerada o veículo ideal desse *soft power*, historicamente utilizada na formação de futuros líderes por meio de programas de intercâmbio como o Fulbright, que transformam estudantes estrangeiros em “portadores da diplomacia pública” norte-americana. A retração da ajuda externa, evidenciada pela ameaça de desmantelamento da USAID, criou um vácuo significativo de financiamento e de expertise no sistema de doações, um espaço que a filantropia privada não consegue suprir em escala. A pesquisa identifica que essa crise de liderança estadunidense converte o sistema de ajuda em uma “arena humanitária” de intensa competição, permitindo que novos atores estatais ganhem proeminência. Nesse cenário, o estudo analisa novos protagonistas, como a China, que investe em diplomacia educacional por meio de instrumentos como os Institutos Confúcio, difundindo sua cultura e ampliando sua influência global, além de fundações e filantropos no próprio Brasil e em outros países, capazes de ocupar a lacuna deixada pela política “América Primeiro”.

Palavras-chave: dotações; fundações e instituições beneficentes; poder (ciências sociais); integração Latino-americana; liderança política Estados Unidos.

ABSTRACT

The present study analyzes private philanthropy as a soft power resource, understood as the ability of an actor to achieve desired outcomes through attraction and persuasion rather than coercion. Philanthropic investments within a country shape themes and models of intervention, direct resource flows, and establish evaluation standards that guide government decisions and university strategies. The study examines the reconfiguration of United States foreign policy, marked by the reassessment and temporary suspension of the United States Agency for International Development (USAID). Higher education is considered the ideal vehicle for this soft power, historically used to train future leaders through exchange programs such as Fulbright, which turn foreign students into carriers of American public diplomacy. The reduction in foreign aid, evidenced by the threat of dismantling USAID, created a significant funding and expertise gap within the aid system, one that private philanthropy cannot fill at scale. The research identifies that this U.S. leadership crisis has transformed the aid system into a humanitarian arena of intense competition, allowing new state actors to gain prominence. In this context, the study examines emerging players such as China, which invests in educational diplomacy through instruments like the Confucius Institutes to disseminate its culture and expand its global influence, as well as foundations and philanthropists in Brazil and other countries that may fill the gap left by the America First policy.

Keywords: philanthropy (charity organization); donations (endowments); private foundations; power (social sciences); Latin American integration; political leadership United States.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEBRAP	Centro Brasileiro de Análise e Planejamento
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária.
MEC	Ministério da Educação
ODA	Ajuda Oficial para o Desenvolvimento
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONGs	Organizações Não Governamentais
ONU	Organização das Nações Unidas
USAID	U.S. Agency for International Development (Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional, em português)
WFP	World Food Programme (Programa Mundial de Alimentos, em português)
WOLA	Washington Office on Latin America (Escritório de Washington para a América Latina, em português)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	INVESTIMENTOS EM EDUCAÇÃO SUPERIOR COMO FERRAMENTA DE SOFT POWER	16
3	RECONFIGURAÇÃO POLÍTICA INTERNA DOS EUA E SEUS IMPACTOS NO ECOSSISTEMA FILANTRÓPICO	22
4	CENÁRIO CONTEMPORÂNEO DA FILANTROPIA NORTE AMERICANA NA AMÉRICA LATINA: TENDÊNCIAS E IMPACTOS DO GOVERNO TRUMP	27
5	QUEM OCUPA O ESPAÇO? ATORES E REDES NA RECONFIGURAÇÃO POLÍTICO-FILANTRÓPICA	34
6	CONCLUSÃO	40
	REFERÊNCIAS	43

1 INTRODUÇÃO

A filantropia é classicamente compreendida como “amor à humanidade”, derivada dos termos gregos *phílos* e *ánthropos*, e manifesta-se por meio de ações práticas e sistêmicas orientadas ao bem-estar coletivo e ao desenvolvimento social (Idis, 2023). Historicamente, indivíduos de elevado poder aquisitivo (os filantropos) têm materializado essa disposição por meio de doações substanciais a organizações da sociedade civil e a projetos de interesse público, frequentemente institucionalizados em fundações patrimoniais que, não raro, assumem a denominação de seus instituintes. Muitas das fundações seguem critérios estabelecidos anteriormente por Frank Emerson Andrews. De acordo com Andrews (1956), uma fundação é:

Uma organização não governamental, sem fins lucrativos, tendo um fundo próprio principal, gerido pelos seus próprios administradores ou diretores, e estabelecida para assistência social, educacional, beneficentes, religiosas, ou outras atividades sociais, que servem para o bem comum (ANDREWS, 1956, p.11).

Contudo, a filantropia moderna, notadamente a partir do final do século XX, experimentou uma transformação paradigmática. Ela evoluiu de um modelo primariamente assistencialista e caritativo para o que se denomina “Filantropia Estratégica”. Este modelo distingue-se pelo seu foco no impacto sistêmico, priorizando a mensuração de resultados baseada em evidências e o alinhamento rigoroso de investimentos com objetivos de transformação de longo prazo (Kramer; Phillips, 2024; Confluentes, 2022). Porém, esse modelo de filantropia estratégica muitas vezes é visto simultaneamente como um avanço na alocação de recursos e também como uma falha em gerar transformação social na escala prometida.

A filantropia transcende fronteiras geográficas, constituindo-se não apenas como um fenômeno circunscrito a nações específicas como Estados Unidos (EUA) ou Brasil, como trataremos neste trabalho, mas sim como uma estratégia de projeção transnacional de influência e construção de reputação global (Schmitz; Mccollim, 2021). Essa prática está intrinsecamente ligada à dinâmica da concentração de riqueza: a capacidade de tais ações residirem em um pequeno grupo de indivíduos bilionários, que detêm uma proporção ínfima da população total, mas uma fatia desproporcional do capital global.

Neste contexto, emerge uma crítica fundamental ao modelo, feita por Mark Kramer e Steve Phillips (2024): "Grandes doadores em geral não têm a vivência para entender os problemas que buscam resolver e podem evitar soluções mais sistêmicas que minem sua própria riqueza e privilégio". Essa crítica aponta diretamente para a falha da filantropia de elite em abordar as causas-raiz da desigualdade, priorizando intervenções que mantêm o *status quo* econômico.

Essa dinâmica de doações se encontra profundamente institucionalizada, sendo o *The Giving Pledge* (O Compromisso de Doação) um de seus marcos mais proeminentes. Lançado em 2010 por Bill e Melinda Gates e Warren Buffett, o *Pledge* representa a institucionalização formal da super-filantropia em escala global. O compromisso consiste em uma promessa moral e pública na qual bilionários e suas famílias se comprometem a destinar a maior parte de sua riqueza (50% ou mais) para fins filantrópicos, seja em vida (*giving while living*) ou por meio de disposições testamentárias (The Giving Pledge, 2010).

Apesar da nobreza aparente desse compromisso, a análise acadêmica deste trabalho levanta um questionamento fundamental: o propósito de tais bilionários se restringe à mera "boa ação" (benevolência), ou envolve objetivos estratégicos mais complexos, como a aquisição de capital simbólico, a obtenção de benefícios fiscais e, principalmente, a influência sobre agendas políticas e sociais globais, neste caso, nas agendas da educação superior?

A expansão recente da filantropia transnacional nas áreas de educação, ciência e produção de conhecimento reposiciona atores privados (majoritariamente filantropos) no centro dos debates sobre governança educacional e internacionalização universitária. Para além do financiamento de projetos educacionais e de bolsas universitárias, iniciativas filantrópicas atuam como vetores de reputação, legitimidade e circulação de ideias, conformando um tipo de influência compatível com a noção de *soft power*. Ao selecionar agendas, definir prioridades temáticas e articular redes entre universidades, organizações internacionais e governos, esses atores e investidores moldam enquadramentos cognitivos e normas de cooperação que extrapolam fronteiras nacionais e incidem sobre a formulação de políticas públicas. Nesse contexto, analisar a filantropia como mecanismo de influência simbólica e normativa mostra-se pertinente para compreender por que

determinados temas educacionais ganham tração na América Latina e de que modo se vinculam a estratégias de internacionalização e de produção de evidências.

O presente trabalho tem como objetivo geral examinar a filantropia como recurso de *soft power* na educação superior latino-americana, com foco nos mecanismos pelos quais reputação, credibilidade científica e diplomacia do conhecimento se convertem em influência financeira e simbólica. A investigação é orientada pela problemática que busca analisar como a reorientação da política externa dos Estados Unidos, no contexto do governo de Donald Trump em 2025, impacta os investimentos na educação superior da América Latina, alterando prioridades, instrumentos e redes da filantropia privada estadunidense. Especificamente, busca-se mapear os atores, instrumentos e arranjos de cooperação que articulam fundações, universidades e organismos internacionais e discutir os efeitos e as tensões decorrentes dessa reconfiguração, como a redistribuição de causas e a criação de janelas para a entrada de novos capitais filantrópicos.

Para responder a essas questões, adotou-se uma abordagem qualitativa e exploratória, composta por uma robusta revisão bibliográfica e análise documental, abrangendo relatórios e bases de dados de fundações, universidades e organismos internacionais. Esta análise é combinada com estudos de caso ilustrativos no campo da educação superior e da ciência aberta, além da análise de notícias e comunicados recentes, tendo em vista o caráter contemporâneo do fenômeno. O recorte temporal privilegia o período de 2000 a 2025, quando se intensificam as megadoações e os programas de parceria acadêmica. Reconhece-se que a natureza recente dos fatos impõe limitações, tratando-se de um estudo preliminar que oferece hipóteses e indícios, não conclusões definitivas.

A relevância do estudo reside em qualificar o debate sobre a presença de atores privados na governança educacional e em suprir a lacuna analítica existente entre os estudos de filantropia e as teorias do poder em Relações Internacionais. Ao deslocar o foco das conjunturas para as dinâmicas estruturais de financiamento e circulação de conhecimento, o trabalho oferece um enquadramento capaz de captar continuidades e mudanças na região.

A primeira seção estabelece o contexto teórico, apresentando como os investimentos filantrópicos se configuram como estratégicos e são considerados uma ferramenta de *soft power*. Em seguida, a segunda seção expõe as mudanças

no ecossistema filantrópico global após o início do segundo mandato do governo Trump, em fevereiro de 2025. A terceira seção descreve os principais impactos dessa reconfiguração política na busca por financiamento, com foco especial em temas de educação superior no Terceiro Setor. Posteriormente, a quarta seção traz sugestões de possíveis novos atores internacionais que podem substituir as fundações privadas dos Estados Unidos, além de analisar os motivos da persistente dificuldade de financiamento para as organizações implementadoras no Brasil. Por fim, a conclusão sintetiza os achados, indica as implicações práticas para as ONGs (Organizações Não Governamentais) brasileiras e propõe agendas para futuras pesquisas acadêmicas.

2 INVESTIMENTOS EM EDUCAÇÃO SUPERIOR COMO FERRAMENTA DE *SOFT POWER*

O conceito de *soft power* foi desenvolvido pelo cientista político americano Joseph Nye Jr. Segundo Nye (2023, p. 18), o poder é a “capacidade de afetar os outros para obter os resultados desejados”. Isso pode ocorrer por meio da coerção, de incentivos ou ao fazer com que os outros queiram o mesmo que se deseja — o que o autor define como *soft power*, ou poder de atração. Diferentemente do *hard power*, que é baseado em força militar e poder econômico, o *soft power* emana da atratividade da cultura de um país, de seus valores políticos e de suas políticas externas e internas. Seu uso permite que um país defina a agenda e coopte outros atores, fazendo com que eles desejem os mesmos resultados que ele próprio busca.

Na formulação de Nye, é útil distinguir recursos (cultura, valores, políticas legítimas), instrumentos (diplomacia pública, intercâmbios educacionais, redes culturais e científicas, narrativas midiáticas) e resultados (adesão voluntária, alinhamento de prioridades, difusão de normas). A eficácia do *soft power* depende de credibilidade e confiança: sem reputação consistente e sem mediadores reconhecidos (filantropos, universidades, centros de pesquisa, fundações), a tentativa de persuasão perde efeito. Além disso, trata-se de um poder relacional e contextual: a mesma mensagem pode atrair em um ambiente e ser rejeitada em outro; por isso, o *soft power* opera com maior estabilidade quando acoplado a redes duráveis de conhecimento e cooperação.

A literatura também destaca que atores não estatais (como fundações filantrópicas, universidades e ONGs) podem produzir, canalizar e amplificar *soft power* ao financiar pesquisas, criar programas acadêmicos, oferecer bolsas e articular consórcios internacionais. Ao definir agendas, certificar competências e legitimar determinados quadros interpretativos, esses atores atuam como intermediários de influência: conectam recursos simbólicos (prestígio, reputação, excelência acadêmica) a resultados políticos. Assim, mesmo quando não falam “em nome do Estado”, operam como vetores de atração e persuasão que reverberam no campo das políticas públicas, especialmente em áreas como educação superior, ciência e inovação.

Com essa base conceitual, torna-se possível examinar, mais adiante, os efeitos do *soft power* nas filantropias privadas que atuam em educação na América

Latina: como seus investimentos e parcerias moldam agendas, estruturam redes e difundem normas; em que medida reconfiguram prioridades e produzem legitimidade; e quais tensões emergem para a autonomia universitária e a coordenação com políticas públicas e redes de financiamento.

Muitas fundações têm papel-chave em doações para fomento do ensino superior em outros países, principalmente aqueles que desejam formar líderes estrangeiros em grandes universidades dos Estados Unidos. Pode-se iniciar a linha de raciocínio trazendo uma importante figura, que foi o filantropo americano John Davison Rockefeller, empresário e bilionário, que passou grande parte dos últimos quarenta anos de sua vida definindo a estrutura da filantropia moderna, junto com outros industriais importantes como Andrew Carnegie, autor do manual “O Evangelho da Riqueza”, no qual defendia que o acúmulo de grandes fortunas deveria ser entendido como um recurso a ser administrado em benefício coletivo, via ações sociais e educacionais. Além disso, firmou um acordo pré-nupcial com sua esposa, no qual concordava em destinar a maior parte de sua fortuna a iniciativas voltadas à educação e à filantropia.

O legado de Carnegie e Rockefeller elevou a filantropia a um novo patamar, marcando sua transformação em uma prática estratégica e de grande alcance. Essa tradição foi retomada e ampliada por novos protagonistas, como Bill Gates, MacKenzie Scott e Warren Buffett: filantropos que figuram entre os maiores doadores dos Estados Unidos e que integram a iniciativa *The Giving Pledge*. No entanto, embora esses atores tenham atingido níveis de riqueza sem precedentes, o ritmo de suas doações não tem acompanhado o crescimento acelerado de seus patrimônios. Segundo estimativas da Forbes (2025), as contribuições vitalícias dos 25 maiores doadores dos Estados Unidos em 2024 somaram cerca de US\$30 bilhões a mais do que no ano anterior, com um aumento de 14%. Ainda assim, o montante permanece abaixo da expansão de 18,5% observada em seus patrimônios no mesmo período de tempo.

O aumento da pressão sobre os grandes filantropos — como Bill Gates, Warren Buffett e MacKenzie Scott — para intensificarem suas doações em resposta às necessidades globais crescentes em saúde e educação levanta um ceticismo estrutural legítimo sobre as motivações subjacentes a esses atos de super-filantropia. A crítica acadêmica sugere que a manutenção desse “legado” filantrópico é impulsionada por uma confluência estratégica de incentivos fiscais,

gestão de imagem e prestígio e a preservação de controle sobre políticas públicas, o que mitiga a primazia da benevolência pura. Um dos pilares do ceticismo reside na legislação tributária, especialmente nos Estados Unidos, onde a filantropia é altamente subsidiada pelo Estado:

Vale ressaltar que esse incentivo fiscal para doações levou ao desenvolvimento de paraísos fiscais, entre as décadas de 1950 e 1960, o que permitiu que muitos americanos ricos para preservar sua riqueza acumulada estabelecessem fundações de caridade (Rocha, 2017, pag. 3).

Além de configurar-se como uma das ferramentas mais eficazes para a gestão da reputação e para a consolidação de capital simbólico (Bourdieu, 1986), a filantropia atua como um instrumento de influência política e cognitiva na definição de prioridades globais. Ao financiar pesquisas, *think tanks* (conhecidos como laboratórios de ideias) e iniciativas internacionais, como programas de vacinação ou reformas curriculares, grandes fundações (como a Fundação Gates, por exemplo) passam a exercer um papel central na formulação da agenda de desenvolvimento global, determinando quais problemas são considerados relevantes e quais soluções serão privilegiadas. Esse poder de *agenda-setting* (capacidade de definir pautas e prioridades políticas) é exercido por atores privados, não eleitos e sem responsabilidade direta perante a esfera pública.

Historicamente, o investimento em educação superior era um pilar da projeção do poder norte americano. A educação era vista como um "veículo ideal para o *soft power*, uma ferramenta de diplomacia pública capaz de influenciar atitudes e criar laços de amizade através da força das ideias e da cultura" (Gauttam et al., 2024, p. 3). A própria criação da USAID, em 1961, foi uma estratégia da Guerra Fria para fortalecer o apoio aos valores dos EUA em países em desenvolvimento, muitas vezes por meio de investimentos em infraestrutura e capacitação do ensino superior (Witschge; Bloemhoff, 2025). Ao atrair estudantes internacionais e fortalecer universidades locais, a USAID ajudava a formar futuros "defensores terceirizados" (*third-party advocates*) dos interesses americanos, que retornavam aos seus países de origem como portadores da diplomacia pública (Gauttam et al., 2024). As universidades eram, portanto, parceiras cruciais para as operações da agência, implementando projetos em diversas áreas. Só na América Latina, a USAID trabalhou com 67 universidades e institutos de pesquisa entre 2001

e 2021 e desembolsou quase US\$20 bilhões apenas na América Latina, trabalhando com mais de 680 “parceiros” – 60% deles sediados nos EUA (Vidal; Gheller, 2025).

Grande parte da base de atuação da agência foi construída por meio de investimentos em infraestrutura e capacitação do ensino superior, com o objetivo de “melhorar” a América Latina por meio de instituições que ensinavam desde higiene bucal até a democracia representativa. Essa foi a era da diplomatização internacional da educação, na qual os países desenvolvidos usaram a educação como uma ferramenta diplomática para “intervir nos assuntos domésticos das nações em desenvolvimento e alcançar seus objetivos de política externa” (Gauttam et al., 2024, p. 12).

A política externa educacional dos EUA sempre se concentrou em um público-alvo: as elites estatais de outros países, com o objetivo de introduzir o modo de vida americano e criar um ambiente favorável aos seus interesses. O próprio governo dos EUA reconhece oficialmente essa função. Segundo dados oficiais publicados durante a administração Obama, os intercâmbios educacionais e científicos servem como uma “ponte entre os Estados Unidos e líderes estrangeiros, avançam a colaboração em pesquisa e constroem respeito pelos Estados Unidos, fazendo da educação o quinto maior produto de exportação do país” (United States Department of State; Usaid, s.d.). O principal mecanismo desse *soft power* é a capacidade de atrair estudantes internacionais, que é considerada uma poderosa ferramenta de diplomacia pública. A lógica é que, ao vivenciar a cultura e os valores americanos, esses estudantes, muitos dos quais se tornarão futuras lideranças em seus países, desenvolvem uma visão positiva e duradoura dos EUA. A experiência vivida no exterior não apenas enriquece o indivíduo, mas pode influenciar sua percepção sobre questões globais. Ao compartilharem suas vivências com familiares e colegas, eles criam uma propaganda de referência realista que, muitas vezes, contrasta com representações negativas disseminadas por governos locais.

Essa transformação não é um subproduto acidental, mas sim o resultado de uma estratégia de política externa deliberada e histórica. Essa estratégia foi institucionalizada por meio de programas robustos como o *Fulbright Act* (1946) e o *Smith-Mundt Act* (1948), que financiaram intercâmbios para aumentar a influência dos EUA e promover o entendimento mútuo (Gauttam et al., 2024, p. 14).

O Programa Fulbright é o principal programa de intercâmbio educacional e cultural do Governo dos Estados Unidos, foi estabelecido em 1946 por uma lei

proposta pelo Senador J. William Fulbright, no rescaldo da Segunda Guerra Mundial. O propósito formal do programa é "ampliar o entendimento mútuo entre o povo dos Estados Unidos e os povos de outros países" através do intercâmbio de estudantes, professores, pesquisadores e profissionais (US Embassy, 2024; Share America, 2021). Este é o exemplo mais direto dessa política externa de Estado. Joseph Nye descreveu o programa como uma combinação de *soft power* gerado pelo governo e pelo povo (Nye, 2005, p. 11-14). A combinação do poder de atração (*soft power*) com objetivos geopolíticos claros, como a contenção da influência soviética durante a Guerra Fria, é um exemplo clássico do que se define como *smart power* (Lopes, 2022, p. 6).

Essa estratégia não é uma relíquia do passado; ela continua ativa e em expansão. No Brasil, por exemplo, a Comissão Fulbright anunciou recentemente a duplicação do número de bolsas de doutorado sanduíche com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e Ministério da Educação (CAPES/MEC), promovendo a "internacionalização da pesquisa brasileira e o intercâmbio científico entre os dois países" (Fulbright Brasil, 2025). Paralelamente à ação estatal, a filantropia privada emergiu como uma poderosa forma de política externa não governamental, com fundações como a criada por John D. Rockefeller e a Ford Foundation atuando como atores de imensa influência. A Fundação Rockefeller, criada em 1913, foi pioneira no modelo de "filantropia em larga escala", atuando globalmente em áreas consideradas fundamentais para a modernização das sociedades, como saúde pública, educação superior e ciências naturais (Faria; Costa, 2006, p. 162). Mais do que apenas conceder milhares de bolsas de estudo na América Latina e em outras regiões, a Rockefeller foi decisiva na institucionalização da ciência em escala mundial, ajudando a criar e implantar uma vasta rede de instituições científicas, como faculdades de medicina e institutos de higiene, imprimindo nelas sua orientação pedagógica e ênfase na pesquisa.

A Fundação Ford, por sua vez, inaugurou um estilo de intervenção mais participativo e democrático a partir de 1952. Sua agenda se voltou para temas como direitos humanos, movimentos sociais, diversidade e questões de gênero, justificando sua atuação internacional com a convicção de que "dar solução aos problemas internos dos Estados Unidos seria uma vitória vazia se dois terços do mundo continuassem a ser assolados pela privação e pela agitação" (Ford Foundation, 1963, p. 2, tradução nossa). A atuação da Ford no Brasil durante o

regime militar é um exemplo claro de seu *soft power* em ação: foi crucial para a criação de uma comunidade acadêmica no campo das ciências sociais e financiou instituições como o Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap). O Cebrap emergiu como um desafio institucional à “intervenção dos militares nas Ciências Sociais da USP” (Faria; Costa, 2006, p. 174), e ao apoiar ONGs e centros de pesquisa que lutavam pela redemocratização, a Ford atuou como um contrapeso às inclinações antidemocráticas do regime, exercendo influência política por meio do fomento à sociedade civil.

Sendo assim, enquanto o Programa Fulbright representou a face governamental do *soft power* educacional, as fundações Rockefeller e Ford demonstraram como a filantropia privada, com seus vastos recursos e agendas estratégicas, também funcionaram como um ator de política externa não estatal. A Rockefeller focou na construção de uma infraestrutura científica e de saúde global alinhada a um modelo modernizador, enquanto a Ford adotou um modelo mais engajado politicamente, fortalecendo a sociedade civil e os valores democráticos. Ambas, a seu modo, foram fundamentais na formação de elites, na disseminação de valores e na construção de redes de influência duradouras, solidificando o papel da educação e da filantropia como pilares do *soft power* americano.

3 RECONFIGURAÇÃO POLÍTICA INTERNA DOS EUA E SEUS IMPACTOS NO ECOSSISTEMA FILANTRÓPICO

A interconexão entre o poder estatal e o capital privado torna imperativo compreender por que a reconfiguração da política externa dos Estados Unidos possui um impacto tão significativo no cenário filantrópico global. Em 20 de janeiro de 2025, no início do segundo mandato de Donald Trump, a Casa Branca divulgou uma nota oficial expressando preocupações sobre a necessidade de reavaliar e realinhar a política de ajuda externa dos Estados Unidos. O então presidente Trump argumentou que a estrutura de ajuda externa do país não estava em consonância com os interesses estadunidenses, e em muitos casos, opunha-se a valores nacionais (Kates; Rouw; Oum, 2025). Ele ainda alegou que a mensagem transmitida pela ajuda externa dos EUA poderia ser prejudicial às relações internacionais e à paz global:

A indústria e a burocracia de ajuda externa dos Estados Unidos não estão alinhadas com os interesses americanos e, em muitos casos, são antitéticas aos valores americanos. Elas servem para desestabilizar a paz mundial, promovendo ideias em países estrangeiros que são diretamente opostas às relações harmoniosas e estáveis internas e entre os países.(White House, 2025, tradução nossa).

Na sequência, foi anunciada uma suspensão temporária de 90 dias das atividades da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID, em inglês). A agência, que empregava mais de 10.000 pessoas em todo o mundo e era responsável por mais da metade da assistência externa dos EUA, suspendeu suas operações. O que inicialmente se pretendia ser uma revisão dos programas de assistência externa apoiados pela USAID, com a possibilidade de continuidade ou modificação, e a criação de um repositório centralizado de informações para auxiliar o Secretário de Estado na tomada de decisões, transformou-se em uma ordem de suspensão imediata de todos os contratos e serviços de assistência externa existentes.

A USAID detinha um peso expressivo na captação global de recursos, ainda que seu impacto direto e volumétrico no Brasil seja historicamente mais restrito quando comparado a nações que dependem mais intensamente da assistência, como outros países da América Latina. Apesar dessa menor dependência estrutural, a suspensão dos repasses da USAID e o realinhamento da política externa

estadunidense geram duas consequências críticas: incerteza sistêmica para o financiamento internacional e o afetamento de projetos-chave.

Um exemplo ilustrativo, na área de educação e tecnologia, é a interrupção do apoio a iniciativas como a da *startup* Letrus. A Letrus, que desenvolve soluções para a melhora da escrita com uso de inteligência artificial, havia recebido um financiamento de R\$ 5 milhões do governo dos EUA (via USAID) para custear um estudo robusto (Ensaio Clínico *Randomizado*) sobre o impacto da tecnologia na aprendizagem de cerca de 40 mil alunos do Ensino Médio (Exame, 2024). A paralisação desses fundos, embora não represente um volume massivo no orçamento nacional, interrompe o avanço de pesquisas inovadoras e baseadas em evidências na educação, servindo como um indicador tangível de como a retração da política externa dos EUA atinge a fronteira de projetos estratégicos na América Latina. Além disso, a incerteza se estende a projetos ambientais e a outras áreas de cooperação técnica que dependem de parcerias com a agência.

Em 27 de janeiro, Trump ordenou que todos os líderes da USAID se afastassem de suas funções por tempo indeterminado, justificando que os mesmos estavam obstruindo as ações do governo:

Identificamos diversas ações dentro da USAID que parecem ter sido planejadas para contornar as ordens executivas do presidente e o mandato do povo americano. Como resultado, colocamos vários funcionários da USAID em licença administrativa com remuneração e benefícios integrais até novo aviso, enquanto concluímos nossa análise dessas ações. (Politico, 2025, tradução nossa).

Em 17 de abril, o governo anunciou uma prorrogação de 30 dias na revisão da ajuda externa, originalmente prevista para terminar em 20 de abril de 2025. A suspensão da ajuda externa e a eliminação de programas considerados desalinhados com os interesses nacionais dos Estados Unidos geraram forte reação do público e do terceiro setor. De imediato, no dia 28 de Abril, 8 dias após o inicial fim da suspensão, um grupo de organizações trabalhistas, entidades sem fins lucrativos e governos locais entrou com uma ação judicial contra o governo Trump e várias agências federais no Tribunal Distrital dos EUA, contestando a ordem executiva emitida em 11 de fevereiro, que autorizava mudanças em larga escala nas operações das agências federais e em suas forças de trabalho, sem a aprovação do Congresso (*Free Law Project*, 2025).

É nesse contexto de retração governamental e realinhamento ideológico que o papel da filantropia privada como ator de *soft power* ganha nova proeminência, especialmente no setor de educação na América Latina.

À luz desses mecanismos, a decisão de reavaliar a ajuda externa dos Estados Unidos e a ameaça de desmantelamento de suas estruturas não apenas reordenam instrumentos estatais, como também deslocam expectativas e responsabilidades para o campo filantrópico, gerando um efeito em cascata que transcende a esfera governamental e impacta diretamente o ecossistema de fundações e organizações parceiras ao criar um vácuo de financiamento internacional (que a filantropia privada não consegue integralmente suprir) e redirecionar prioridades de grandes doadores para agendas domésticas nos Estados Unidos. O cenário aumenta a dependência de recursos corporativos e de fundações em contextos de choque, com padrões de alocação mais reativos e concentrados, e acentua a competição por recursos na América Latina, especialmente na educação superior, um campo crescentemente mobilizado como recurso de *soft power*. Para compreender essa conexão, é crucial analisar por que a paralisação da USAID teve um peso tão significativo e como essa ação forçou os investidores privados a reconfigurarem suas próprias estratégias de financiamento.

O impacto da ordem executiva foi imenso, primeiramente, pela centralidade da agência que ela visava. A USAID não é apenas um doador, mas a principal agência que implementa a maior parte dos programas de desenvolvimento global do país (Lambert; Tanis, 2025). A ordem presidencial foi parte de um esforço maior, que incluía a possível dissolução da USAID. Congelar e ameaçar a existência da principal agência implementadora significou paralisar um ecossistema inteiro de cooperação, criando um vácuo de financiamento, coordenação e expertise técnica que a filantropia privada, por maior que seja, dificilmente conseguiria preencher sozinha. Essa incapacidade não é uma mera suposição, mas um fato reconhecido pelos próprios gigantes da filantropia. Em um claro exemplo dessa realidade, Bill Gates, ao doar US\$ 912 milhões em meio a cortes na ajuda humanitária pela USAID liderados pelos EUA, fez questão de afirmar: “Não sou capaz de compensar o que o governo corta, e não quero criar uma ilusão disso” (Reuters, 2025, *online*). A declaração de Gates é emblemática e reflete uma preocupação recorrente no setor filantrópico: a de que cobrir lacunas governamentais poderia criar uma licença social para a retração do Estado.

A dimensão do vácuo deixado pela USAID torna essa substituição impraticável em termos de escala. A ajuda oficial para o desenvolvimento (ODA, na sigla em inglês), que nos últimos anos ultrapassou os US\$ 100 bilhões anuais, é massivamente superior ao total de US\$ 3 a US\$ 5 bilhões desembolsados anualmente por todas as fundações internacionais (Marten; Witte, 2008, p. 12). Apenas na América Latina, a USAID investiu quase US\$ 20 bilhões entre 2001 e 2017, um montante que nenhuma fundação privada, nem mesmo a Fundação Gates, conseguiria igualar em uma única região. A tentativa de transferir o portfólio bilionário da USAID para um Departamento de Estado com pessoal drasticamente reduzido foi descrita por especialistas como um "desastre iminente" (*impending train wreck*), destacando a complexidade da gestão que a filantropia, com suas estruturas enxutas, não está preparada para assumir. Por fim, o custo humano deste vácuo é imenso. Um estudo da The Lancet projetou que os cortes na ajuda dos EUA poderiam resultar em 14 milhões de mortes evitáveis em cinco anos, um número que evidencia a tragédia de desmantelar instituições de alto impacto por razões ideológicas: "Nossas estimativas mostram que, a menos que os cortes abruptos de financiamento anunciados e implementados no primeiro semestre de 2025 sejam revertidos, um número impressionante de mortes evitáveis poderá ocorrer até 2030" (Cavalcanti et al., 2025, p. 284, tradução nossa).

Essa tragédia, no entanto, não se resume apenas à perda de vidas e ao vácuo financeiro. O desmantelamento de uma estrutura central como a USAID catalisou uma profunda transformação no próprio ecossistema da ajuda humanitária, acelerando a fragmentação do campo e a entrada de uma gama diversificada de "novos atores humanitários" em países em desenvolvimento. Com as necessidades humanitárias crescendo rapidamente e superando os recursos disponíveis, o sistema tradicional já se encontrava sob grande pressão (Sezgin; Dijkzeul, 2016, p. 22). Essa nova paisagem transforma o espaço humanitário idealizado, um ambiente onde se pode operar sem impedimentos e com base nos princípios de neutralidade, imparcialidade e humanidade, em uma "arena humanitária" (Sezgin; Dijkzeul, 2016, p. 213). Nesta arena, múltiplos atores com diferentes motivações, éticas e interesses negociam os resultados da ajuda, competindo por recursos e legitimidade. A consequência é um sistema cada vez mais fragmentado, onde muitos atores seguem suas próprias abordagens, promovendo a ineficácia do ponto de vista sistêmico. O setor da educação, em particular, tornou-se um campo emblemático

dessa disputa, onde a reconfiguração da política externa dos EUA resultou na retirada de um ator estatal estratégico, deixando um vácuo que a filantropia privada, com suas lógicas e capacidades distintas, não consegue preencher de forma equivalente.

À luz dessa trajetória, coloca-se um problema conceitual e teórico: como a ausência de uma estratégia externa coerente, como a atual, afeta o próprio repertório de *soft power* dos Estados Unidos, cuja eficácia depende de credibilidade, previsibilidade e articulação consistente entre recursos, instrumentos e resultados, e em que medida essa lacuna abre espaço para a substituição (parcial) do papel norte-americano por outros atores e arranjos? Em termos analíticos, *soft power* supõe “fazer com que os outros queiram o que você quer” por atração e definição de agenda; quando faltam coerência e coordenação, a capacidade de moldar preferências se deteriora e o efeito difuso da atração perde tração (Nye, 2005/2023).

Esse desalinhamento estratégico fragiliza redes estado-privadas que, historicamente, articularam universidades, fundações e órgãos públicos para produzir e legitimar conhecimento útil à política externa, redes essas que Parmar (2012) descreve como “sistemas de manutenção” com forte poder de agenda e socialização de elites. O resultado provável é fragmentação de prioridades, maior dependência de projetos carimbados e atores privados e riscos de duplicação e sobreposição, com custos de transação elevados e perdas de coordenação (Marten; Witte, 2008).

No plano da governança global, a retração ou a oscilação norte-americana tende a reforçar o movimento descrito por Seitz e Martens (2017) como “filantrolateralismo”: que é o deslocamento de decisões do multilateralismo inclusivo para parcerias exclusivas dominadas por doadores tradicionais e grandes fundações, com ênfase em resultados rápidos e em financiamentos marcados (*earmarked*), algo que erosiona mandatos multilaterais e dificulta coerência e planejamento.

Para a América Latina, e especialmente para a educação superior, o efeito agregado combina vácuos de financiamento, reorientação temática e competição por recursos, como a que vê-se hoje, com implicações para a autonomia universitária, a coordenação com políticas públicas e a própria matriz de *soft power* que informa a internacionalização (Parmar, 2012; Nye, 2011/2023).

4 CENÁRIO CONTEMPORÂNEO DA FILANTROPIA NORTE-AMERICANA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR LATINO-AMERICANA: TENDÊNCIAS E IMPACTOS DO GOVERNO TRUMP

O cenário da filantropia norte americana no século XXI, herdeiro das grandes fundações do século XX como Rockefeller e Ford, já vinha passando por uma profunda transformação, marcada pela ascensão do "filantrocipitalismo", um modelo contemporâneo que aplica uma abordagem empresarial à resolução de problemas sociais, buscando eficiência e resultados mensuráveis, mas é criticado por seu caráter tecnocrático e por correr o risco de fragmentar a governança global. Este modelo, explicado por Marten and Witte (2008) e exemplificado pela Fundação Bill & Melinda Gates, aplica uma abordagem empresarial à resolução de problemas sociais, com forte ênfase em resultados mensuráveis, eficiência e soluções tecnológicas. Embora mobilize grandes recursos e promova inovação, é criticado por seu caráter tecnocrático, pela falta de prestação de contas democrática, pela tendência de contornar governos locais e pelo risco de fragmentação da governança global, levantando dúvidas sobre a sustentabilidade e o impacto a longo prazo de suas ações.

Contudo, essa nova era da filantropia global, cada vez mais entrelaçada com a política externa e o *soft power* dos EUA, foi drasticamente reconfigurada pela ascensão de Donald Trump e sua doutrina "América Primeiro" (*America First*). A reavaliação radical da ajuda externa e o desmantelamento de estruturas-chave do governo americano não apenas criaram um vácuo de financiamento, mas também desencadearam uma crise de confiança no setor filantrópico, forçando uma redefinição de seu papel e de seus limites, com impactos diretos e profundos na América Latina. O resultado é um cenário contemporâneo fragmentado, uma "arena humanitária" onde os interesses de mercado de atores corporativos ganham proeminência, deixando setores estratégicos como a educação em uma posição de maior vulnerabilidade e a influência americana na região significativamente diminuída.

Na América Latina e no Caribe, a suspensão ou eliminação de financiamento ameaça minar objetivos centrais da política externa dos EUA, como a redução da migração. Em 31 de janeiro de 2025, o Escritório de Washington para Assuntos Latino-Americanos (WOLA, na sigla em inglês) caracterizou a pausa de 90 dias na

assistência externa dos Estados Unidos como uma política de “America Last”, apontando impactos adversos para programas humanitários, democracia e governança na região (Wola, 2025). Relatos convergentes indicam que o congelamento paralisou iniciativas de acolhimento e integração, por exemplo, o atendimento a 41 mil deslocados colombianos e serviços para migrantes venezuelanos, e elevou o risco de instabilidade e violência, com provável aumento de fluxos migratórios (The Guardian, 2025). O congelamento afetou programas cruciais de combate a conflitos armados, crime organizado, corrupção, e fragilidade do Estado de Direito. A incerteza política e a postura hostil do governo Trump em relação a agendas progressistas e à cooperação externa geraram um efeito inibidor na filantropia privada, mesmo entre aqueles financiadores tradicionalmente dedicados a intercâmbios e à captação de estudantes estrangeiros.

Observa-se um fenômeno de “silenciamento estratégico”: muitos financiadores privados estão optando por evitar a publicidade de programas sensíveis (como aqueles focados em direitos humanos, democracia ou captação de estudantes de regiões politicamente controversas). Segundo Raikes (2025, *online*): “Ninguém quer colocar sua organização e seus parceiros em risco e sob os holofotes de uma administração que já demonstrou sua disposição em perseguir críticos”.

Este clima de inibição tem como consequência direta o agravamento da dificuldade na busca por novos financiamentos para projetos que já eram marginalizados ou criticados (incluindo projetos da América Latina e Caribe) pelo governo estadunidense. A filantropia, ao se tornar reativa e auto censurada, perde parte de sua capacidade de atuar como capital de risco e de suporte a agendas alternativas à política oficial.

Desde o início dos anos 2000, a atuação filantrópica de origem norte-americana no ensino superior latino-americano tem se expressado por três vias recorrentes: bolsas e intercâmbios acadêmicos em nível de graduação e pós-graduação; financiamento institucional de centros e áreas estratégicas, como laboratórios de ideias e observatórios; e parcerias ou consórcios com universidades, organizações da sociedade civil e organismos internacionais, para programas temáticos e fundos colaborativos. Duas tradições moldaram esse repertório: a trilha associada à Fundação Rockefeller, marcada pela construção de infraestrutura científica e pela modernização institucional em áreas como saúde pública e ciências

naturais; e a trilha associada à Fundação Ford, voltada ao fortalecimento da sociedade civil, às ciências sociais e a valores democráticos (Faria; Costa, 2006; Parmar, 2012).

A intervenção da Ford Foundation no Chile é um dos estudos de caso mais citados sobre o papel da filantropia na moldagem de elites e instituições de ensino superior (IES) na América Latina. O impacto do período antes e depois (ou em reação) à política da administração Trump é marcado por um contraste entre o grande projeto de engenharia institucional do passado e a defesa programática da democracia e dos direitos na atualidade.

Como padrão de doações, o investimento da Ford no Chile foi historicamente marcado por uma escala maciça e uma intenção de modernização econômica e intelectual. A Fundação dedicou cerca de US\$ 22,5 milhões ao país, concentrando-se em programas de engenharia institucional e na formação de capital humano. O financiamento foi direcionado majoritariamente para o Departamento de Economia da Universidad Católica de Chile, criando o polo que formaria a rede dos chamados *Chicago Boys*, alinhados ao pensamento neoclássico. A magnitude do aporte era tal que cerca de metade de todos os chilenos cursando doutorado nos Estados Unidos em 1970 foram bolsistas financiados pela FF. Além disso, a Fundação estruturou um convênio de US\$10 milhões entre a University of California e a Universidad de Chile, estabelecendo um corredor estável de formação avançada em engenharias e ciências (Edwards, 2018). Contudo, após o Golpe Militar de 1973, a FF encerrou abruptamente muitos de seus programas de modernização, redirecionando o foco para o apoio a programas de direitos humanos e à realocização de acadêmicos perseguidos (Riethof, 2025). No contexto de retração da assistência oficial dos EUA e da incerteza política gerada pelo segundo governo Trump, a estratégia da Ford Foundation na América Latina concentra-se na defesa programática da democracia, da equidade e dos direitos civis, distanciando-se de grandes projetos de educação superior.

Porém, esse ecossistema de bolsas não se limitou a enviar estudantes ao Norte: ele ancorou “centros de treinamento” regionais e redes de circulação acadêmica que, gradualmente, passaram a abastecer governos e organismos com especialistas formados em programas financiados ou desenhados com apoio das fundações. No plano disciplinar mais amplo, a própria evolução dos estudos latino-americanos nos EUA acompanhou ciclos de financiamento federal e

filantrópico, reforçando a relação entre demanda estatal por expertise, recursos de fundações e formação de elites acadêmicas e técnicas conectadas a esses circuitos de bolsas e pesquisa aplicada. Esses legados socializaram elites, institucionalizaram agendas de pesquisa e criaram redes duráveis de circulação de ideias e recursos, nas quais reputação acadêmica e credenciais internacionais funcionam como capitais simbólicos decisivos (Parmar, 2012).

Contudo, a filantropia norte-americana na educação superior latino-americana opera hoje em um ambiente de maior incerteza estratégica. O sinal recente de retração e oscilação na política externa dos Estados Unidos não elimina, por completo, a presença de fundações e programas privados na América Latina. Na verdade, essa instabilidade altera drasticamente os incentivos e o perfil de suas intervenções. Em vez de complementar programas de fomento à educação e ao desenvolvimento global, o capital privado é forçado, cada vez mais, a substituir lacunas de financiamento deixadas pela ausência ou incerteza da assistência oficial.

Essa mudança no papel da filantropia acarreta consequências diretas na forma como os recursos são alocados. Observa-se um movimento em direção a prazos mais curtos, motivado pela necessidade de intervenção imediata para suprir crises; a uma maior aversão a risco, com financiadores evitando projetos de larga escala e transformação estrutural em favor de iniciativas com resultados rápidos e mensuráveis; e a uma priorização doméstica, com uma crescente preferência por destinar recursos a projetos nos EUA que foram atingidos por cortes orçamentários internos. Em suma, a instabilidade estatal dos EUA transforma a filantropia de um capital complementar e inovador em um capital substituto e conservador, focado na gestão de crises e na demonstração rápida de resultados.

Esse deslocamento produz efeitos encadeados. Em primeiro lugar, observa-se uma reorientação geográfica e temática dos investimentos de filantropos e fundações: quando não destinados a projetos domésticos nos Estados Unidos, esses recursos são direcionados a outras regiões consideradas estratégicas ou a agendas vistas como mais urgentes. Esse movimento redefine o mapa global de prioridades e tende a gerar lacunas significativas nas redes latino-americanas de cooperação e financiamento. Nessa reconfiguração, grandes *players* tendem a priorizar agendas com pressão humanitária imediata. A Bill & Melinda Gates Foundation tem reiterado que seus eixos globais concentram-se em saúde e sistemas alimentares/ agricultura em África e Sul da Ásia, por exemplo: malária,

vacinas e desenvolvimento agrícola para segurança alimentar, enquanto sua frente de educação permanece predominantemente doméstica, com pouca incidência direta na educação superior de modo geral, e com mais foco em educação primária no próprio país (Bill & Melinda Gates Foundation, 2025). Embora tal priorização seja justificável sob uma perspectiva humanitária, ela compromete a previsibilidade e a continuidade do financiamento voltado à educação superior na América Latina, fragilizando redes acadêmicas e projetos de cooperação de longo prazo.

Em 8 de maio de 2025, Gates definiu o prazo de 20 anos para doar praticamente toda a sua riqueza e dobrar o ritmo de doações da fundação, enfatizando prioridades tradicionais na África e na Ásia, em temas como saúde global, P&D em vacinas, nutrição, inovação/ IA para saúde e preparação pandêmica, mas sem menções específicas à América Latina na carta publicada (Gates, 2025). A indicação posterior de que a maioria dos recursos irá para a África sugere um deslocamento geográfico das prioridades filantrópicas de grandes atores, com efeitos indiretos sobre a América Latina, envolvendo a concorrência por recursos, reorientação de parcerias acadêmicas e rearranjos nas redes e nos editais. Esse movimento contrasta com a atuação prévia da própria Fundação Gates em iniciativas vinculadas à região e ao Brasil, como o aporte de US\$ 2,5 milhões ao *Africa–Brazil Agricultural Innovation Marketplace*, desenvolvido pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) para difundir inovação agrícola para a África via cooperação Sul–Sul com base brasileira (Gates Foundation, 2011; Embrapa, s.d.), e o apoio ao *World Food Programme* para construir liderança brasileira em nutrição e disseminar aprendizados a países africanos — um *grant* de US\$ 700 mil registrado na base pública de concessões (Gates Foundation, 2015).

No campo de bolsas de estudo, embora a educação superior latino-americana não seja eixo central do portfólio global da Fundação Gates, o universo Gates abrange oportunidades de pós-graduação abertas a candidatos da América Latina, como a *Gates Cambridge Scholarship* na Universidade de Cambridge (elegível para não britânicos), mecanismo que historicamente funcionou como porta de entrada para formação avançada e redes internacionais (Gates Cambridge, s.d.). Sendo assim, a priorização recente de agendas de saúde e nutrição em África e Ásia reorienta atenção e recursos que, no passado, tocavam a América Latina por meio de cooperação, *grants* e bolsas; na prática, a região passa a disputar um espaço menor no mapa de investimentos do “ecossistema Gates”, que pode ser considerado

um ecossistema extremamente relevante para ONGs, exigindo novas rotas de captação e parcerias alternativas para sustentar programas acadêmicos e de internacionalização.

Movimento similar aparece na Rockefeller Foundation, que vem priorizando sistemas alimentares, saúde e África — com iniciativas como *Food is Medicine* e a ampliação de programas de alimentação escolar como alavancas de nutrição, clima e desenvolvimento local — em vez de financiamento direto e contínuo à educação superior na América Latina (Rockefeller Foundation, 2025; “*Our Work in Africa*”). Querendo ou não, esse redirecionamento é coerente com o quadro de emergência alimentar e sanitária que se intensificou após os cortes e a pausa da assistência: o Programa Mundial de Alimentos (WFP, na sigla em inglês) e outros observadores reportaram uma queda acentuada nas doações e riscos de fome em massa em múltiplas crises, enquanto a interrupção de financiamentos dos EUA afetou programas de HIV/Aids e operações humanitárias, sobretudo em países africanos. Em termos práticos, quando USAID e outros fluxos oficiais retraem, fundos filantrópicos tendem a cobrir “incêndios”: comida, saúde e sobrevivência imediata passam à frente de agendas de educação ou de democratização do ensino, gerando vácuos que universidades e redes acadêmicas da região precisam preencher buscando novos financiadores em outras regiões que não os EUA (Europa, Oriente Médio, Ásia e cooperações Sul–Sul).

Esse cenário abre oportunidades e riscos. A oportunidade está na entrada de novos atores e em arranjos mais colaborativos que podem diversificar fontes de financiamento e perspectivas epistemológicas. O risco é a fragmentação: projetos desconectados, sobreposição de iniciativas e desalinhamento entre métricas privadas e objetivos públicos, com consequências para a autonomia universitária e para a coordenação de políticas. Em síntese, o cenário contemporâneo é menos o de retração absoluta e mais o de reconfiguração de poder, mesmo que difícil: da centralidade estatal norte-americana para um tabuleiro multipolar de atores filantrópicos e universitários. Nessa transição, a educação superior continua sendo um espaço privilegiado de *soft power*, mas a gramática da influência depende, cada vez mais, de quem estrutura as redes, define as métricas e estabelece as pontes entre conhecimento, reputação e impacto público. Diante disso, impõem-se questões orientadoras: qual ator tende a assumir a dianteira desse rearranjo? Quem

preencherá o vácuo deixado pela filantropia privada dos Estados Unidos? E quem protagonizará a próxima etapa do *soft power*, desta vez, não norte-americano?

5 QUEM OCUPA O ESPAÇO? ATORES E REDES NA RECONFIGURAÇÃO POLÍTICO-FILANTRÓPICA

O cenário contemporâneo da filantropia e da cooperação internacional na educação superior latino-americana é definido por uma complexa reconfiguração geopolítica, impulsionada pela retração estratégica do *soft power* estatal norte-americano e pela ascensão de novos atores externos ou internos. O trabalho mostrou que a capacidade de projeção dos Estados Unidos via educação superior na América Latina sempre se apoiou numa ecologia Estado–fundações–universidades: programas governamentais (p.ex., USAID) e grandes fundações estruturaram redes, criaram centros e ofereceram bolsas que socializaram elites e padronizaram métodos ao longo de décadas. Na região, esse arranjo foi visível tanto na coincidência entre investimento filantrópico e formação de quadros (caso chileno) quanto no uso da educação como instrumento típico de *soft power* (atração, definição de agenda, diplomacia do conhecimento). O choque recente, a oscilação da política externa dos EUA e a pausa de parcelas significativas de assistência em 2025, reverte essa inércia e cria efeitos de arrasto: vácuos de financiamento, encurtamento de horizontes e aumento de custos de coordenação. No plano conceitual, isso enfraquece o efeito difuso de atração e desloca a “narrativa” do Estado para as redes, intensificando a mediação por colaborações Sul-Sul e grandes doadores privados.

Nesse vácuo, organizações latino-americanas e parceiras do Sul Global têm buscado sobrevivência institucional e escala por meio de arranjos Sul–Sul que combinam co-financiamento, intercâmbio de soluções e padronização mínima de métricas. Um caso ilustrativo é o *Bridges to Change*, encontro Brasil–Índia realizado em São Paulo, do dia 9 ao 11 de setembro de 2025, Pela Fundação Lemann, organização de origem familiar brasileira, criada em 2002, cuja missão consiste em contribuir para a construção de um Brasil mais justo e desenvolvido por meio da educação, e pela Central Square Foundation (CSF), relevante organização indiana sem fins lucrativos, fundada em 2012 e voltada à melhoria dos resultados de aprendizagem de crianças em idade escolar no país. Esta última concentra sua atuação na reforma estrutural do sistema educacional, operando em estreita colaboração com o governo indiano para assegurar que as soluções propostas sejam escaláveis, sustentáveis e efetivas.

O evento reuniu diversas organizações dos dois países para troca estruturada de experiências em alfabetização na idade certa, desenho de políticas baseadas em evidências, fortalecimento de lideranças educacionais e soluções de implementação em escala. Os registros públicos do encontro mostram três movimentos relevantes para o argumento: a importância da formação de coalizões operacionais entre redes do Brasil e da Índia para foco em soluções de problemas equivalentes de aprendizagem; a tentativa de padronizar métricas e indicadores para reduzir custos de transação e facilitar cofinanciamento transnacional; e o uso de universidades-âncora e organizações de apoio técnico como nós de coordenação para acelerar adoção de boas práticas em sistemas públicos e na formação de lideranças. A mediação por redes Sul-Sul não apenas substitui parcialmente financiamentos antes lastreados na ajuda oficial norte-americana, como também reconfigura os circuitos de legitimação e difusão de políticas educacionais, ao deslocar a influência para consórcios temáticos que operam com maior proximidade *problem-driven* entre contextos comparáveis (Fundação Lemann, 2025).

No portfólio filantrópico, a prioridade também mudou. A carta de Bill Gates (maio/ 2025) reafirma o foco fora da América Latina (sobretudo África e Sul da Ásia) em eixos como saúde, nutrição e P&D de vacinas, e mantém a educação como prioridade principalmente doméstica (EUA). Antes disso, havia apoios que tangenciavam a região (cooperação Sul-Sul com base brasileira, *grants* via Embrapa e WFP; bolsas Gates Cambridge elegíveis a latino-americanos), mas o sinal recente é de reorientação geográfica e temática que deixa a educação superior latino-americana menos coberta por grandes *players* globais. Resultado: lacunas que tendem a ser preenchidas por novos arranjos e atores.

A ocupação do espaço deixado pela oscilação norte-americana combina, hoje, dois vetores principais: China e Europa. No caso chinês, a estratégia educacional está integrada a instrumentos de cooperação econômica e diplomática: bolsas governamentais, programas de capacitação, institutos de língua e *hubs* universitários operam como rampas de entrada para redes acadêmicas e tecnológicas. O investimento filantrópico chinês na América Latina, especialmente em educação e ciência, difere fundamentalmente do modelo ocidental (EUA e Europa), sendo caracterizado por uma forte integração entre os setores público, privado e acadêmico para maximizar o *soft power*. A mudança na política externa dos EUA a partir de 2025 tende a acelerar, mas não a iniciar, essa estratégia

chinesa. Antes da crise na ajuda externa, os investimentos chineses já seguiam uma linha estratégica, utilizando a educação como vetor de influência. O modelo é menos focado em "filantropia privada" no sentido ocidental (grandes fundações familiares independentes) e mais em "diplomacia de conhecimento" e cooperação governamental (*soft power* estatal).

Um exemplo dessa atuação prévia são os Institutos Confúcio (ICs): Esta foi a principal e mais visível ferramenta chinesa de *soft power* na região. Os ICs, financiados e geridos pelo governo chinês, foram estabelecidos em universidades latino-americanas para promover a língua e a cultura chinesas. Embora o objetivo seja primariamente cultural, eles funcionam como pontos de contato diplomático e acadêmico (Chang, 2021). Além disso, o governo chinês já oferecia um número crescente de bolsas para estudantes e pesquisadores latino-americanos através do Conselho de Bolsas da China (*China Scholarship Council – CSC*), o programa oferece bolsas integrais para cursos de graduação, mestrado, doutorado e programas de curta duração, facilitando a formação de uma rede de alumni alinhada aos interesses chineses, além de dar a oportunidade para que alunos latino-americanos possam estudar em grandes universidades sem custo elevado (Ribeiro, 2025). Segundo Roy (2025, *online*), o atual governo Trump contribui para intensificar a expansão da influência chinesa na América Latina:

Enquanto o presidente americano Joe Biden via a China como uma “concorrente estratégica” na região, a reeleição de Donald Trump marcou uma mudança na política dos EUA em relação à América Latina, caracterizada por medidas econômicas assertivas que, segundo especialistas, podem aproximar ainda mais os países da China.

Em contraste com as retrações estatais norte-americanas, até mesmo a Europa demonstra uma presença distinta no financiamento global, marcada pela ênfase na cooperação para o desenvolvimento baseada em inovação e evidências. Um exemplo proeminente dessa estratégia é o *Fonds d’Innovation pour le Développement* (FID), um fundo de desenvolvimento multilateral coordenado pelo governo francês. O FID foi estabelecido por meio de uma parceria estratégica entre a República Francesa, o Ministério da Europa e dos Negócios Estrangeiros, o Ministério da Economia, das Finanças e da Soberania Industrial e Digital e a Agência Francesa de Desenvolvimento (AFD) (FID, 2025). O objetivo central do FID é atuar como um laboratório de inovação em desenvolvimento, financiando intervenções destinadas a países de baixa e média renda — um escopo que inclui o Brasil. Sua

metodologia é notável por atuar com abertura e inclusividade, aceitando candidaturas para uma ampla gama de inovações, desde a fase de estudo até a experimentação. Além disso, os organizadores priorizam explicitamente o apoio a territórios e populações menos favorecidas e mais marginalizadas, buscando projetos com potencial de alto impacto social e que promovam a inclusão. O FID diferencia-se ao exigir que as inovações demonstrem evidências robustas de eficácia, atuando com um modelo de financiamento progressivo (do piloto à escala). O fundo já apresenta em seu portfólio exemplos de projetos financiados na área de educação e pesquisa, destacando o interesse da França em utilizar a cooperação internacional para fomentar o desenvolvimento de capital humano em regiões estratégicas.

A atuação do FID ilustra, assim, o vetor normativo e tecnocrático da influência europeia, que busca não apenas transferir recursos, mas validar e escalar soluções inovadoras que possam ser replicadas globalmente. O Erasmus+ mantém janelas específicas para a América Latina e Caribe, com mobilidade de estudantes e *staff* e reconhecimento de créditos (European Education and Culture Executive Agency, s.d.). No nível de pesquisa, as Marie Skłodowska-Curie Actions (MSCA) oferecem bolsas de pós-doutorado, redes doutorais e *staff exchanges* que incluem instituições da CELAC. Em 2025, a Comissão Europeia lançou a iniciativa MSCA-GLOPOL (MSCA Global Cooperation: Policy Enhancement and Strategic Promotion) para adensar a cooperação com regiões estratégicas, incluindo a América Latina e o Caribe, sinalizando continuidade e expansão do canal europeu em meio à incerteza norte-americana (European Commission, s.d.). No plano das bolsas de alto prestígio para mestrado, o Chevening — financiado pelo Reino Unido — permanece aberto a cidadãos latino-americanos elegíveis, com cobertura integral, ênfase em liderança pública e exigência de retorno ao país por dois anos, além de aumentar o número de bolsas anualmente (Chevening, s.d.).

Tomados em conjunto, esses movimentos geopolíticos sinalizam uma substituição parcial da capacidade de *agenda-setting* historicamente ancorada nos Estados Unidos. O cenário global de influência na educação superior se redesenha com a ascensão de modelos alternativos: a China tende a avançar com uma proposta de *soft power* mais integrada, combinando educação, crédito e infraestrutura, enquanto a Europa aprofunda um caminho normativo-acadêmico, focado em mobilidade estruturada, redes de excelência e padrões de avaliação,

como evidenciado pelo Erasmus+ e Marie Skłodowska-Curie Actions (MSCA). Para formuladores de políticas e instituições de ensino superior na América Latina, a emergência desse cenário impõe três imperativos estratégicos. O primeiro é a negociação de consórcios regionais robustos, visando capturar economias de escala oferecidas por programas europeus e, simultaneamente, estabelecer cláusulas de reciprocidade e transferência de tecnologia em parcerias sino-latino-americanas. O segundo imperativo é a formação estratégica de lideranças, utilizando programas de bolsas de influência, como o Chevening do Reino Unido e o MSCA, como trilhas de formação de líderes e pesquisadores alinhados a missões públicas e ao desenvolvimento endógeno. Por fim, o terceiro consiste no mapeamento e exploração ativa das complementaridades entre os *hubs* de conhecimento chineses (a exemplo de iniciativas como a Tsinghua LAC) e as redes europeias estabelecidas, a fim de reduzir assimetrias regionais e acelerar a transferência de capacidades junto às universidades-âncora da América Latina.

Algo interessante e pouco explorado são os bilionários brasileiros, que muitas vezes não são alvo de captação por parte de organizações implementadoras nacionais. Atualmente, em 2024, mesmo que o valor doado por indivíduos tenha batido um recorde, totalizando mais de 24 bilhões de reais e tendendo a crescer (Lima; Negrão; Fabiani, 2025), um estudo da Philanthroping, financiado pelo Instituto Beja (Unverhau, 2022, p. 12), estima que as doações deveriam estar entre 20 e 28 bilhões de dólares, com base nas fortunas e no número de bilionários existentes hoje no Brasil. Assim como se observa nos EUA uma preferência maior por financiar projetos domésticos, o mesmo pode — e deve — ocorrer no Brasil. No entanto, a maioria das organizações não sabe com quem nem onde captar esses recursos privados nacionais, e muito menos como chamar a atenção de filantropos e organizações financiadoras com uma mensuração de impacto robusta.

Muitos filantropos brasileiros não criam fundações e doam em silêncio, preferindo entrar em sociedades de doações e conectar-se de modo privado com potenciais organizações implementadoras para doar seus recursos. O que não se valoriza (ou não se sabe comumente) é que esses filantropos muitas vezes evitam doar por falta de confiança nas entidades beneficiadas e acabam contribuindo mais em situações emergenciais, como tragédias — a exemplo da ocorrida no Rio Grande do Sul — que trazem um impacto mais imediato. Quando uma organização sabe direcionar sua estratégia, tende a se beneficiar. O Centro Lemann de Sobral, por

exemplo, soube reorganizar sua estratégia e captar recursos ao criar um projeto de fomento à formação de lideranças para a educação no Rio Grande do Sul após a tragédia, com o objetivo de reconstruir a educação pública do estado por meio de seus professores-líderes.

A menos que se saiba direcionar a estratégia e criar novos projetos de acordo com o interesse dos financiadores, é importante entender que a confiança é um aspecto decisivo para a doação da maioria das pessoas doadoras. Os doadores brasileiros são cautelosos com sua fortuna e buscam fielmente informações e transparência sobre as instituições para as quais doam, geralmente observando a reputação dessas organizações ao longo dos anos (Lima; Negrão; Fabiani, 2025). Isso difere do modelo hoje mais utilizado pelas organizações financiadoras dos EUA, o *trust-based philanthropy*, que parte do princípio de que as organizações que estão na ponta, implementando os projetos, sabem melhor como aplicar os recursos do que os próprios financiadores: modelo amplamente difundido nos EUA no período pós-pandemia (Herrera; Santos; Helena, 2024). Essa diferença pode ser uma das razões pelas quais organizações implementadoras brasileiras muitas vezes buscam recursos externos, menos sujeitos à burocracia das métricas de impacto.

Os doadores brasileiros se motivam pelo sentimento de saber exatamente a quem e aonde suas doações estão sendo destinadas e de compreender, de forma concreta, qual diferença sua contribuição gerou em um projeto.

6 CONCLUSÃO

O deslocamento recente do eixo EUA-cêntrico para uma configuração mais distribuída, com China e Europa como possíveis vetores principais, não elimina a centralidade da educação superior como arena de *soft power*, apenas a torna mais competitiva e contingente. A filantropia e a cooperação educacional passam a operar em um tabuleiro no qual a previsibilidade estatal diminui, a mediação por redes e métricas privadas aumenta, e a vantagem relativa decorre menos de quem “tem” os recursos e mais de quem “organiza” as coalizões e define as regras do jogo entre as regiões. Nesse cenário, torna-se imperativo que universidades, organizações filantrópicas implementadoras e coalizões voltadas ao fomento da educação na América Latina adotem uma postura mais estratégica e intensifiquem o mapeamento e a análise dos *players* doadores que estão se comprometendo publicamente a ampliar seus recursos, sejam eles governos ou grandes doações. O objetivo não é apenas receber o capital, mas utilizar estrategicamente a intenção de *soft power* desses doadores, manifestada em suas agendas de ciência, tecnologia ou democracia, para direcionar o financiamento à América Latina e negociar essas agendas de modo que o capital promova a autonomia e o desenvolvimento endógeno da região. Em essência, a captação de recursos deve migrar da solicitação passiva para a negociação proativa, capitalizando a busca por projeção global dos doadores para atender às demandas regionais.

O efeito imediato da oscilação norte-americana é o reordenamento dos incentivos: projetos antes complementares à ajuda oficial tornam-se substitutos parciais; agendas de ciclo longo perdem tração diante de entregas mensuráveis de curto prazo; e lacunas regionais abrem espaço para novos arranjos e atores. A China avança com pacotes integrados, com formação, infraestrutura e crédito, enquanto a Europa reforça o canal normativo-acadêmico, com novas bolsas de ensino superior e investimentos em organizações do terceiro setor. O resultado provável é a formação de um mosaico de influências sobrepostas, no qual diferentes “gramáticas” de cooperação coexistem e competem.

No plano doméstico, o ecossistema filantrópico brasileiro ainda enfrenta desafios de maturidade: a cultura de doação robusta não está plenamente estabelecida, e as organizações implementadoras frequentemente têm dificuldade em manter a confiança e a reputação junto aos doadores. Para superar essa

barreira e atrair o capital necessário para iniciativas de longo prazo e de mudança estrutural, diferentemente das doações emergenciais ou diretas a indivíduos, é imperativo que as organizações invistam em fortalecimento institucional.

A captação estratégica requer que as organizações se unam, estruturem e articulem seus projetos, dados e estratégias. É vital desenvolver a capacidade de mensurar o impacto social de forma rigorosa e transparente, demonstrando à sociedade e aos doadores a eficácia e a destinação precisa dos recursos, especialmente em tempos de desinformação e alta rotatividade no setor.

Para captar doadores de forma eficaz, as organizações podem migrar de uma abordagem excessivamente passiva ou agressiva de solicitação de recursos para uma postura proativa e relacional. É fundamental evitar o “assédio” à esses doadores, uma das percepções desmotivadoras mais recorrentes, e focar na criação de relacionamentos prévios com potenciais financiadores. Isso se concretiza por meio da participação em comunidades e espaços onde a cultura de doação é fomentada, permitindo que as fundações desenvolvam interesse genuíno em conhecer a fundo o trabalho da organização. Um exemplo notório desse tipo de comunidade é a Latimparto, organização que atua como uma rede regional catalisadora de capital e conhecimento, operando de forma semelhante a uma associação de investidores de impacto para a América Latina. Sua principal função é conectar e mobilizar capital entre diversos *players* do ecossistema de investimento de impacto na região.

O fortalecimento da comunicação institucional e o uso estratégico da mídia também são essenciais para a captação, tanto em nível nacional quanto internacional. Além disso, a cooperação entre organizações é crucial, dado que grandes fundos internacionais, como o FID ou o edital The Audacious Project, frequentemente priorizam financiamentos significativos para projetos em que múltiplas entidades atuam em conjunto. Nesse sentido, a América Latina, ao criar parcerias e desenvolver mecanismos robustos de mensuração de impacto em seus projetos, pode conquistar maior autonomia relativa, articular suas preferências regionais e, conseqüentemente, atrair a atenção e a confiança dos doadores globais.

Como desdobramento acadêmico, o *soft power* educacional deve ser compreendido menos como um estoque de prestígio e mais como um processo contínuo de articulação de redes, incentivos e mecanismos de avaliação. A questão central não é apenas o destino dos recursos, mas de que modo a estrutura

institucional os converte em legitimidade e em resultados de interesse público. Compreender quem ocupa esse espaço implica observar quais temas ganham relevância na educação superior, quais nações se mostram mais engajadas em cooperações Sul-Sul e quem gera efeitos cumulativos sobre currículos, trajetórias profissionais e decisões de política educacional.

Por fim, a implicação estratégica para universidades e organizações latino-americanas é dupla. No plano externo, torna-se fundamental negociar de forma articulada e diversificar parcerias, ampliando o poder de barganha e reduzindo dependências excessivas. No plano interno, é indispensável desenvolver capacidades de mediação, com escritórios de captação aptos a dialogar com múltiplos financiadores, núcleos de avaliação que alinhem métricas a finalidades públicas e sistemas de dados interoperáveis que garantam transparência e comparabilidade aos resultados. Nessa perspectiva, responder à reconfiguração global não significa aguardar o retorno de um arranjo anterior, mas conduzir, com autonomia e base em evidências, a transição para um ecossistema de cooperação mais plural e exigente e, justamente por isso, mais fértil para a produção de conhecimento socialmente legítimo.

Em conclusão, este trabalho atingiu seu objetivo central ao examinar a filantropia como recurso de soft power na educação superior latino-americana, demonstrando como a reorientação da política externa dos EUA impacta os investimentos na região. Conclui-se que o vácuo deixado pela retração norte-americana não elimina a dinâmica do soft power, mas a reconfigura, tornando o cenário mais competitivo e exigindo que os atores latino-americanos adotem estratégias proativas para negociar parcerias internacionais e nacionais e assegurar que os fluxos de cooperação fortaleçam sua autonomia e desenvolvimento endógeno.

REFERÊNCIAS

ANDREWS, Frank Emerson. **Philanthropic foundations**. New York: Russell Sage Foundation, 1956.

BILL & MELINDA GATES FOUNDATION. **Grant: Africa–Brazil Agricultural Innovation Marketplace (Embrapa)**. Seattle: Bill & Melinda Gates Foundation, 2011. Disponível em: <https://www.gatesfoundation.org/about/committed-grants>. Acesso em: 25 out. 2025.

_____. **Grant: World Food Programme — Build Brazilian leadership in nutrition**. Seattle: Bill & Melinda Gates Foundation, 2015. Disponível em: <https://www.gatesfoundation.org/about/committed-grants>. Acesso em: 25 out. 2025.

_____. **Agricultural Development**. Bill & Melinda Gates Foundation, 2025. Disponível em: <https://www.gatesfoundation.org/our-work/programs/global-growth-and-opportunity/agricultural-development>. Acesso em: 20 Out. 2025.

BOURDIEU, Pierre. **The forms of capital**. In: RICHARDSON, J. (ed.). *Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education*. Westport, CT: Greenwood Press, 1986. p. 241–258.

CAVALCANTI, Daniella Medeiros; SALES, Lucas de Oliveira Ferreira de; SILVA, Andrea Ferreira da; BASTERRA, Elisa Landin; PENA, Daiana; MONTI, Caterina; BARREIX, Gonzalo; SILVA, Natanael J.; VAZ, Paula; SAÚTE, Francisco; FANJUL, Gonzalo; BASSAT, Quique; NANICHE, Denise; MACINKO, James; RASELLA, Davide. **Evaluating the impact of two decades of USAID interventions and projecting the effects of defunding on mortality up to 2030: a retrospective impact evaluation and forecasting analysis**. *The Lancet*, v. 406, p. 283-294, 19 jul. 2025. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(25\)01186-9](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(25)01186-9). Acesso em: 20 out. 2025.

CHANG, Mau-Kuei. **The Confucius Institutes in Latin America: The Chinese Model of Public Diplomacy**. *Journal of Contemporary China*, v. 30, n. 128, p. 1-15, 2021.

CHEVENING. **Scholarships**. s.d. Disponível em: <https://www.chevening.org/scholarships/>. Acesso em: 10 nov. 2025.

CONFLUENTES. **Você sabe o que é filantropia estratégica?** Confluentes, 2022. Disponível em: <https://confluentes.org.br/2022/05/24/voce-sabe-o-que-e-filantropia-estrategica/>. Acesso em: 5 nov. 2025.

EDWARDS, Sebastian. **Monetarists and Mavericks: The History of the Chicago Boys and the Neoliberal Revolution in Chile**. Princeton: Princeton University Press, 2018.

EMBRAPA. **Africa–Brazil Agricultural Innovation Marketplace**. Brasília: Embrapa, s.d. Disponível em: <https://www.embrapa.br>. Acesso em: 25 out. 2025.

EUROPEAN EDUCATION AND CULTURE EXECUTIVE AGENCY. **Erasmus+ — funding programme 2021-2027**. s.d. Disponível em: https://www.eacea.ec.europa.eu/grants/2021-2027/erasmus_en. Acesso em: 11 nov. 2025.

EUROPEAN COMMISSION. **MSCA-GLOPOL : MSCA Global Cooperation – Policy Enhancement and Strategic Promotion**. s.d. Disponível em: <https://cordis.europa.eu/project/id/101202507>. Acesso em: 11 nov. 2025.

EXAME. **Letrus recebe R\$ 5 milhões do governo dos EUA para estudo sobre IA na educação**. Exame, São Paulo, 13 jun. 2024. Disponível em: <https://exame.com/brasil/letrus-fara-estudo-com-40-mil-alunos-para-avaliar-impacto-da-ia-para-melhorar-escrita/>. Acesso em: 6 nov. 2025.

FARIA, Lina; COSTA, Maria Conceição da. **Cooperação científica internacional: estilos de atuação da Fundação Rockefeller e da Fundação Ford**. Dados – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 49, n. 1, 2006.

FID - FONDS D'INNOVATION POUR LE DÉVELOPPEMENT. **O Fundo para Inovação em Desenvolvimento (FID)**, 2025. Disponível em: <https://fid.net.br/cgi-bin/>. Acesso em: 6 nov. 2025.

FORD FOUNDATION. **Annual Report 1963**. New York: Ford Foundation, 1963. Disponível em: <https://www.fordfoundation.org/library/reports/annual-reports/1963-annual-report/>. Acesso em: 10 nov. 2025.

FORBES BRASIL. **Quem são os maiores filantropos dos EUA em 2025**. Forbes Brasil, 12 fev. 2025. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-money/2025/02/quem-sao-os-maiores-filantropos-dos-eua-em-2025/>. Acesso em: 6 nov. 2025.

FREE LAW PROJECT. **American Federation Of Government Employees, AFL-CIO v. Trump, 3:25-cv-03698 (N.D. Cal.)**. CourtListener, 28 abr. 2025. Disponível em: <https://www.courtlistener.com/docket/69961059/american-federation-of-government-employees-afl-cio-v-trump/>. Acesso em: 15 out. 2025.

FULBRIGHT BRASIL. **Fulbright dobra número de bolsas de doutorado sanduíche nos EUA e reajusta valores em até 120%**. Fulbright Brasil, 2025. Disponível em: <https://fulbright.org.br/noticias/fulbright-dobra-numero-de-bolsas-de-doutorado-sanduiche-nos-eua/>. Acesso em: 20 out. 2025.

FUNDAÇÃO LEMANN. **Bridges to Change: Fundação Lemann e Central Square Foundation promovem histórico encontro Brasil–Índia sobre educação**. Notícias, 12 set. 2025. Disponível em:

<https://fundacaolemann.org.br/noticias/bridges-to-change-fundacao-lemann-e-central-square-foundation-promovem-historico-encontro-brasil-india-sobre-educacao/>. Acesso em: 25 out. 2025.

GATES, Bill. **My new deadline: 20 years to give away virtually all my wealth.** Bill & Melinda Gates Foundation — Ideas, 8 maio 2025. Disponível em: <https://www.gatesfoundation.org/ideas/articles/next-chapter>. Acesso em: 25 out. 2025.

GATES CAMBRIDGE. **Programme overview.** Cambridge: University of Cambridge, s.d. Disponível em: <https://www.gatescambridge.org>. Acesso em: 25 out. 2025.

GAUTTAM, Priya et al. **Education as a soft power resource: A systematic review.** Heliyon, v. 10, e23736, 2024.

HERRERA, Aline; SANTOS, Letícia dos; HELENA, Luiza. **Responsabilidade e confiança: conheça o Trust Based Philanthropy.** São Paulo: Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social (IDIS), 24 maio 2024. Disponível em: <https://www.idis.org.br/responsabilidade-e-confianca-conheca-o-trust-based-philanthropy/>. Acesso em: 7 Nov. 2025.

IDIS – INSTITUTO PARA O DESENVOLVIMENTO DO INVESTIMENTO SOCIAL. **O que é filantropia.** IDIS, 2023. Disponível em: <https://www.idis.org.br/o-que-e-filantropia/>. Acesso em: 25 out. 2025.

KATES, Jennifer; ROUW, Anna; OUM, Stephanie. **U.S. Foreign Aid Freeze & Dissolution of USAID: Timeline of Events.** KFF, 30 set. 2025. Disponível em: <https://www.kff.org/global-health-policy/u-s-foreign-aid-freeze-dissolution-of-usaid-timeline-of-events/>. Acesso em: 15 out. 2025.

KRAMER, Mark; PHILLIPS, Steve. **Onde a filantropia estratégica errou?** Stanford Social Innovation Review, 2024. Disponível em: <https://ssir.com.br/onde-a-filantropia-estrategica-errou/>. Acesso em: 5 nov. 2025.

LAMBERT, Jonathan; TANIS, Fatma. **Doge dismantling foreign aid agency started by George W. Bush.** Goats and Soda, NPR, 24 abr. 2025. Disponível em: <https://www.npr.org/sections/goats-and-soda/2025/04/24/nx-s1-5375110/doge-dismantling-foreign-aid-agency-started-by-george-w-bush> CourtListener, 2025. Acesso em: 12 set. 2025. Acesso em: 20 Out. 2025.

LIMA, Luisa Gerbase de; NEGRÃO, Marina Zanin; FABIANI, Paula Jancso (coord.). **Pesquisa Doação Brasil 2024.** São Paulo: IDIS – Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social, 2025. 1 ebook (PDF). ISBN 978-85-60904-27-3.

LOPES, Ana Flávia. **Trumpismo e soft power: um estudo sobre a construção da imagem dos Estados Unidos no governo de Donald Trump.** Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Relações Internacionais) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022.

MARTEN, Robert; WITTE, Jan Martin. **Transforming Development? The role of philanthropic foundations in international development cooperation.** Berlin: Global Public Policy Institute (GPPi Research Paper Series, n. 10), 2008.

NYE, Joseph S. **Soft Power and Great-Power Competition: Shifting Sands in the Balance of Power Between the United States and China.** Singapore: Springer Nature Singapore, 2023.

_____. **Soft power and higher education.** Forum for the Future of Higher Education (Archives). Harvard University, 2005.

PARMAR, Inderjeet. **Foundations of the American Century: The Ford, Carnegie, and Rockefeller Foundations in the Rise of American Power.** New York: Columbia University Press, 2012.

POLITICO. **Top USAID career staff ordered to leave.** Politico, 27 jan. 2025.

Disponível em:

<https://www.politico.com/news/2025/01/27/top-usaid-career-staff-ordered-leave-00200854>. Acesso em: 25 out. 2025.

RAIKES, Jeff. **Philanthropy is having a crisis of confidence.** Inside Philanthropy, maio. 2025. Disponível em:

<https://www.insidephilanthropy.com/home/philanthropy-is-having-a-crisis-of-confidence>. Acesso em: 20 Out. 2025.

REUTERS. **Bill Gates promete US\$ 912 mi para luta global contra doenças e pede que os governos aumentem ajuda.** Forbes Brasil, 23 set. 2025. Disponível em:

<https://forbes.com.br/forbes-money/2025/09/bill-gates-promete-us-912-mis-para-luta-global-contra-doencas-e-pede-que-os-governos-aumentem-ajuda/#:~:text=A%20Fundada%C3%A7%C3%A3o%20Gates%20doar%C3%A1%20US,no%20financiamento%20da%20sa%C3%BAde%20global>. Acesso em: 20 Out. 2025.

RIBEIRO, Luiz Fernando Arcari. **Oportunidades educacionais: China na América Latina.** Politize!, 2025. Disponível em:

<https://www.politize.com.br/oportunidades-educacionais-china-america-latina>. Acesso em: 7 nov. 2025.

RIETHOF, Marieke. **Between Modernization and Human Rights: The Ford Foundation's Response to the 1973 Coup in Chile.** The International History Review, p. 1-19, 21 abr. 2025.

ROCHA, Ednéia Silva Santos. **Fundações privadas americanas e suas relações com o desenvolvimento científico.** Revista Brasileira de História & Ciências Sociais – RBHCS, v. 9, n. 17, p. 180–198, 2017.

ROY, Diana. **China's Influence in Latin America: Argentina, Brazil, Venezuela, Security, Energy, BRI.** Backgrounder. New York: Council on Foreign Relations, 2025. Disponível em:

<https://www.cfr.org/backgrounder/china-influence-latin-america-argentina-brazil-venezuela-security-energy-bri>. Acesso em: 7 nov. 2025.

SCHMITZ, Hans Peter; MCCOLLIM, Elena M. **Billionaires in global philanthropy: a decade of the Giving Pledge**. University of San Diego, 2021.

SEITZ, K.; MARTENS, J. **Philanthrolateralism: Private Funding and Corporate Influence in the United Nations**. *Global Policy*, v. 8, n. S5, p. 46–50, ago. 2017.

SEZGIN, Zeynep; DIJKZEUL, Dennis (org.). **The New Humanitarians in International Practice: Emerging Actors and Contested Principles**. Abingdon; New York: Routledge, 2016.

SHARE AMERICA. **O Programa Fulbright completa 75 anos de promoção do entendimento mútuo**. Share America, 2021. Disponível em: <https://fulbright.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 6 nov. 2025.

THE GIVING PLEDGE. **About The Giving Pledge** [site institucional]. The Giving Pledge, 2010. Disponível em: <https://www.givingpledge.org/about-the-giving-pledge/>. Acesso em: 6 nov. 2025.

_____. **The Giving Pledge** [site institucional]. The Giving Pledge, [s.d.]. Disponível em: <https://www.givingpledge.org/>. Acesso em: 6 nov. 2025.

THE GUARDIAN. **Trump's aid freeze will drive migration from Latin America, experts warn**. London: Guardian News & Media, 30 jan. 2025. Disponível em: <https://www.theguardian.com/us-news/2025/jan/30/trump-aid-freeze-latin-america>. Acesso em: 20 Out. 2025.

THE ROCKEFELLER FOUNDATION. **Latin America and the Caribbean**. The Rockefeller Foundation, Our Work in Africa [s.d.]. Disponível em: <https://www.rockefellerfoundation.org/latin-america-and-caribbean/>. Acesso em: 23 out. 2025.

UNITED STATES. Department of State and USAID. **Arquivos da Administração Obama – Performance.gov**, [s.d.]. Disponível em: <https://obamaadministration.archives.performance.gov/agency/departament-state-and-usaid.html>. Acesso em: 20 Out. 2025.

UNVERHAU, Silvia Bastante de. **The Future of Philanthropy in Brazil: Contributing to Social and Environmental Justice**. [S.l.]: Philantroping; Instituto Beja, 2022.

US EMBASSY. **About the Fulbright Program. U.S. Embassy and Consulates in Brazil**, [s.d.]. Disponível em: <https://ao.usembassy.gov/pt/education-pt/intercambio-educacional/fulbright-foreign-student-program/>. Acesso em: 6 nov. 2025.

VIDAL, Camila Feix; GHELLER, Larissa. **Atuação da USAID na América Latina (2001-2021)**. Informe OPEU, 19 fev. 2025. Disponível em:

<https://www.opecu.org.br/2025/02/19/atuacao-da-usaid-na-america-latina-2001-2021/>. Acesso em: 20 Out. 2025.

WHITE HOUSE. **Reevaluating and Realigning United States Foreign Aid.**

Presidential Actions, 20 jan. 2025. Disponível em:

<https://www.whitehouse.gov/presidential-actions/2025/01/reevaluating-and-realigning-united-states-foreign-aid/>. Acesso em: 25 out. 2025.

WITSCHGE, François; BLOEMHOFF, Tessa. **Trump's USAID shutdown impacts universities worldwide.** University World News, 8 fev. 2025. Disponível em:

<https://www.universityworldnews.com/post.php?story=20250208071408604>. Acesso em: 19 out. 2025.

WOLA. **Trump's pause of U.S. foreign assistance to Latin America: an "America Last" policy.** Washington, DC: WOLA, 31 jan. 2025. Disponível em:

<https://www.wola.org/analysis/trumps-pause-of-u-s-foreign-assistance-to-latin-america-an-america-last-policy/>. Acesso em: 20 Out. 2025.